

## XII ENAPOL – EMPEZAR A ANALIZARSE – COMEÇAR A SE ANALISAR 29 de septiembre al 1 de octubre 2023 – Buenos Aires

Especialmente para el Blog de la AMP entrevistamos a María Cristina Giraldo, Sérgio de Mattos y Oscar Zack, integrantes de la Comisión Científica del próximo XI ENAPOL, sobre el tema de ese Encuentro.

Entrevistas: Gabriela Urriolagoitia, Milena Crastelo y Alejandra Loray

### Entrevista #2 – Sérgio de Mattos (EBP)

**AMP-Blog:** Por que esse tema do Enapol? Por que os analistas da América Latina se perguntam pelo início das análises em pleno século XXI?

**Sérgio de Mattos:** Porque o século XXI precisa de análise! Há uma tremenda desorientação em nosso tempo, e as respostas oferecidas pela ciência ou o mercado não são suficientes para dar uma sombrinha para nossos sofrimentos, especialmente aqueles ligados ao amor e ao sexo.

**AMP-Blog:** Por que você recomendaria a alguém começar a se analisar?

**S.M.:** Porque muitas pessoas sem uma análise irão errar pela vida da pior maneira, principalmente aquelas com boas intenções.

Por esse mesmo motivo, “o das boas intenções”, eu não a recomendaria a muitos políticos. Em geral as boas intenções podem ser tratadas, mas isso não deve ser oferecido para todos. Na verdade, acho que não gosto muito da ideia de recomendação, tenho uma certa desconfiança de que ela possa ser uma outra roupagem das “boas intenções”, ou uma posição de presunção. O problema da boa intenção é ela dispensar-se de se haver com as consequências. E o da presunção é supor que se sabe o que é melhor para o outro. Por outro lado, encaminharia com entusiasmo quem me pedisse uma indicação e daria um empurrãozinho para dentro da porta em quem me demandasse uma análise. E nesse caso convidaria, o sujeito que pede por essa experiência, a dizer da melhor maneira possível, o que foi que o levou até ali.

**AMP-Blog:** O que você poderia nos transmitir do momento de quando começou a se analisar?

**S.M.:** No momento em que comecei a me analisar experimentei uma grande desorientação, aliada ao encontro com uma porta aberta para novas possibilidades. Eu me desorientei porque o que eu sabia não me servia mais. O bom encontro era a sorte de poder ali supor - com boas razões pelos resultados que obtive - que aquela experiência era diferente de tudo que eu havia tentado, e que me tocava desde o princípio.

**AMP-Blog:** De acordo com sua prática o que leva os sujeitos a buscarem um analista hoje?

**S.M.:** O que leva a buscar uma análise hoje é, em parte, o mesmo de antes: um embaraço, um sofrimento, alguma coisa que nunca vai bem repetidamente, a pedra no caminho como disse Drummond. Mas, hoje o que faz sofrer aparece, por vezes, logo de entrada como um excesso, uma adicção, uma questão sobre uma inadequação do corpo biológico e a identificação ou não com ele. No fundo também podemos colocar essas questões dentro do problema dos excessos. A sexualidade humana é sempre excessiva em relação à possibilidade de representar seus modos de satisfação.



**AMP-Blog:** Que diferença existe entre o que a psicanálise oferta, desde o início de um tratamento, e o que oferecem outras psicoterapias?

**S.M.:** Toda psicoterapia, de uma maneira ou de outra, oferece um saber pronto. No final das contas, oferta uma visão do que é um sujeito ou do que é a saúde mental, em outras palavras trata-se da oferta de um ideal! Procura-se o desvio da realidade imaginada e em seguida a adequação a ela segundo a visão de mundo. Toda psicoterapia é uma defesa *standard* contra o real.

Na psicanálise entra-se pela porta do não saber, que de certo modo se reabre a cada sessão. Mas, a cada sessão vai-se também construindo um saber singular sobre o sofrimento daquela pessoa, vão-se fechando algumas portas que delimitam os problemas, os programas de gozo do ser falante. Abrem-se as portas, fecham-se as portas, abre, fecha. Com seus recursos, seus limites e alguma sorte - que o analista ajuda a fazer acontecer - haverá efeitos para o paciente. É preciso dizer ainda que a psicanálise trata o corpo - não o manipulando, como às vezes ocorrem em outras práticas - mas, operando sobre as marcas deixadas no corpo pelas falas escutadas que o perturbaram, o irritaram e o tatuaram como cicatrizes cheias de afetos por onde passa a deriva da vida de cada um. Assim a psicanálise é uma outra experiência do real, tal como ele afetou e perturbou a vida de cada ser falante. É essa marca perturbadora escrita no encontro com um real traumático, que conduz um programa que mistura prazer e sofrimento e que chamamos de sintoma.